

REALIDADE BRASILEIRA

Wanderley, Luiz Eduardo
Waldemarin

INTRODUÇÃO

Como foi salientado nos pontos apresentados para o estudo do tema, não houve a pretensão de se esgotar o assunto. Assim, seguem agora as ponderações dos participantes nos seus círculos de debates e aprofundamento, com o único objetivo de enriquecer o texto e servir de ponto de partida para um estudo muito mais sério daqui para frente. É necessário amadurecimento, assimilação, revisão permanente e uma consciência lúcida para crescermos.

Importa lembrar que todos os pontos abordados podem sofrer variações na medida da complexidade e do dinamismo da própria realidade.

NOTA - Este tema deve continuar sendo de uso interno do MEB e não sair a público.

I - REALIDADE INTERNACIONAL

O primeiro assunto abordado foi o de Realidade Internacional. Sobre o mesmo os grupos concluíram o seguinte:

1. Desconhecimento do assunto

Os problemas referentes à vida internacional não são suficientemente conhecidos pelos componentes do MEB de uma maneira geral, deixando mesmo de haver uma preocupação séria em estudá-los. Essa ignorância tem provocado atitudes contraditórias ou omissões pessoais nas manifestações à respeito.

Como causas dessa ausência de conhecimentos, além da despreocupação geral sobre o assunto, foram apontadas a falta de bibliografias, um noticiário em que se pudesse confiar, e outras.

2. Soberania nacional

Para que o processo de libertação dos povos colonizados seja autêntico, e não haja submissão a um "bloco" ou outro, se faz necessário um eficiente trabalho de politização do povo, bem como um desenvolvimento seguro de liderança. Os países precisam desenvolver seus sistemas (sistemas próprios) encontrar as suas soluções para seus problemas e não importá-los de fora. Isto não significa rejeitar o que há de bom em tudo aquilo que é adotado pelos outros países.

3. Terceira força

Não existe propriamente a chamada terceira força concluíram uns, encontra em estado embrionário, concluíram outros. As que negaram a sua existência como sendo impossível na prática basearam-se nos seguintes fundamentos:

- a) de ordem econômica - os países interessados em constituir uma terceira força são dependentes substancialmente de uma ou outra facção;
- b) de ordem política - os grupos dirigentes desses países estão comprometidos com um ou outro bloco;
- c) de ordem social - as classes dominadas são alienadas. As que dependeram a existência embrionária da terceira força fundamentaram-na nos seguintes pontos:
 - a) está havendo uma tomada de consciência generalizada por parte dos povos subdesenvolvidos;
 - b) ao mesmo tempo que se processa uma luta de libertação desses países da política econômica atual;
 - c) a existência de uma terceira força é baseada muito mais numa ideologia nova que em conquistas de posições políticas ou econômicas.

Em geral a terceira força foi considerada:

- a) possível - tendo como orientação dos países que devem integrá-la: a conscientização das massas, o acesso do povo ao poder e a necessária formação de quadros; nesse particular, foi salientada a importância da elaboração de uma ideologia, bem como a tarefa do intelectual cristão neste trabalho;
- b) necessário - para uma decisiva ajuda à subsistência das populações nos países recém-libertos, e ao efetivo progresso e autonomia dos países dependentes.

Como fundamentos de uma terceira força foram apresentadas a auto-determinação e a solidariedade universal. Tudo isso foi colocado na linha de uma real integração universal e não na formação de um terceiro bloco em oposição aos demais.

4. Coexistência pacífica

A coexistência pacífica em nosso mundo atual é quase um mal necessário, irreal, e tudo se faz no sentido de so-lapá-la.

Estar alerta para as perspectivas, particularmente a existente diversas com que ela é encarada atualmente pela Chi-na e Rússia.

Esta falsa existência pacífica gera uma constante guerra-fria, cujos efeitos nós observamos em quase todos os continentes.

5. Concílio

O Concílio representa uma grande esperança relativamente à seus resultados, tanto na vida internacional, por exemplo: nos estudos da comissão encarregada dos países subdesenvolvidos - a Igreja possui um papel decisivo na libertação do mundo, como em relação à ordem interna dos países por exemplo: a partir dos estudos sobre a pobreza - os homens da Igreja têm compromissos atuais, concretos com a burguesia.

O Concílio possui um aspecto revolucionário de volta às fontes autênticas da Revelação. Sua aplicação seria naturalmente confiada aos homens em geral, e poderá infelizmente não se concretizar se não houver quadros cristãos autênticos para estudá-los, interpretá-los e aplicá-los.

Há uma unidade de princípios entre os católicos, porém eles podem divergir nas opções práticas da ação temporal. Para os de linha diferente da nossa, é necessário mostrar que para atingir os fins que almejamos se necessita criar condições de diálogo (num clima de cariedade) dentro da vida em sociedade. Esse trabalho de união dos católicos encerra, no entanto, grande dificuldades, especialmente no momento histórico que atravessamos, onde, por exemplo, basta uma idéia mais real da situação, mais arrojada e logo se é "taxado" de comunista, esquerdista, etc. por certos grupos católicos. Será possível essa união na medida em que haja um esforço individual e também dos diferentes grupos; inclusive com concessões possíveis de parte à parte.

É urgente um trabalho com as outras Igrejas. Os católicos não são donos exclusivos da verdade (como dizia S. Basílio: nós temos toda a verdade, mas nem tudo de verdadeiro está conosco).

Uma aplicação prática da verdade pode ser feita mesmo por um não católico. Há possibilidades de trabalho, com outras Igrejas desde que nos despojemos de preconceitos e tabús comuns, no que não é essencial. O ponto de partida para quaisquer entendimentos é o diálogo, a abertura, o não sectarismo.

6. Promoção da mulher

Salientou-se sobre este aspecto a necessidade de um aprofundamento, reformulando concepções tradicionais que não se aplicam à realidade, despojando-se de idéias preconcebidas e descobrindo a missão imensa da mulher no mundo de hoje. Constata-se que a maioria nem se coloca o problema, enquanto crescem os desajustamentos sociais provenientes da situação atual.

II - REALIDADE DA AMÉRICA LATINA

Os grupos julgam importantíssimo uma análise mais refletida sobre a realidade da América Latina, apesar de não terem debatido nos círculos, por falta de tempo. Salientou-se apenas a posição especial do Brasil no continente e como os países de certo modo desejariam mas temem uma liderança do nosso país, demonstrada por suas posições dúbios e utilitaristas.

III - REALIDADE BRASILEIRA

Estudando o documento proposto, os grupos concordaram com os aspectos apontados e com a interpretação feita a respeito da estrutura da sociedade brasileira, apresentando as seguintes ponderações:

1. Ateísmo da civilização burguesa

Interpretando a história brasileira, os acontecimentos nos ensinam que a burguesia nacional tem sido levada a um ateísmo prático, presente em suas ações e instituições, dando uma marca profundamente negativa à sociedade atual. Em aparente contradição, em sistemas onde existe um ateísmo militante, encontram-se às vezes estruturas e valores humanos.

2. O problema da reação

Qualquer movimento ou processo que leve a "periferia do poder" (estudantes, classe média proletarizada, operários, camponeses, etc.), a se fortalecer, trará como consequência imediata a reação do "polo dominante", (burguesia latifundiária, comercial, industrial, etc.) que já se organiza na defesa do que considera a ordem estabelecida. Esta reação adquire as matizes mais diversas nas circunstâncias de local, clima das relações, graus de radicalização dos grupos, etc.

3. Propriedade

A injustiça da presente estrutura social tem como uma das suas causas o atual conceito do direito à propriedade. Faz-

se, pois, imprescindível uma revisão em profundidade desse conceito. Tendo como ponto de partida a definição da Mater et Magistra e levando em conta as experiências em processos em alguns países do mundo, ir explicitando o conceito inclusive para preparar uma futura encíclica.

4. Processo da transformação

Para o desencadeamento de qualquer processo de mudança é imprescindível nunca se perder de vista os objetivos a atingir e todos os elementos que se dispõe. Quanto mais claros e precisos mais fácil de mobilizar forças sociais em seu favor e difícil de se descaracterizá-los. Para isso devem ser levado em conta três pontos básicos:

- a) ênfase na afirmação da dimensão social do homem, inegável conquista de nossos dias, e na sua dimensão transcendente;
- b) exata noção por todos do que é o comunismo, palavra hoje muito desgastada;
- c) a sintonia real com os valores da consciência histórica.

5. Necessidade de definição

Não se pode, a pretexto de perfeição, ficar na eterna busca de uma terceira posição e não se definir nunca o que levaria à fuga ou omissão. É preciso ter a coragem de optar pela verdade e aceitar o risco e todas as consequências da transformação desejada.

6. Formação de quadros

A formação de quadros é um problema de importância fundamental na transformação. Deve-se aproveitar o tempo e as concessões da atual estrutura na preparação desses quadros, ao mesmo tempo que são elaboradas formulações técnicas e experiências como primeiro passo da sociedade post-revolucionária.

7. Trabalho com outros grupos

No sentido de uma transformação já atuam alguns movimentos - MOP, Ação popular, etc.

Em relação a esses movimentos é imprescindível um diálogo e reflexão sobre as possibilidades de trabalhos conjuntos.

8. Reformas de base

As reformas de base têm de ser acompanhadas com todo rigor para que não venham a se transformar em mero paliativo. Elas devem ser profundas e atingir as estruturas.

9. Posição da Igreja

A Igreja no Brasil, embora já esteja caminhando um pouco, ainda não está com a sintonização que seria desejável para a época atual, especialmente porque:

- a) tem quase sempre uma atitude de prudência excessiva ou mau definida quando muitas vezes se faz necessário uma atitude de arrojo de risco, ficando por isso, quase sempre na retaguarda;
- b) ignorância de grande parte dos leigos de que eles são a Igreja.

Isso tem dificultado quase impedido, a posição de vanguarda no que diz respeito ao estudo e adequação à história do pensamento, além da atitude social da Igreja;

- c) os leigos têm sido considerados com certa minoridade e pouca coisa ainda se faz no sentido de modificar esta situação.

IV - MEB E REALIDADE

- 1. No presente momento, para que o MEB não venha a se constituir um paliativo, deverá ser repensada toda sua orientação, em função das necessidades do Brasil, num mundo em socialização

Isso levará a uma revisão minuciosa das posições tomadas até agora e dos seus condicionamentos de toda a espécie.

2. O MEB deve ser um movimento de vanguarda para desenvolver um processo acelerado de mudança. Ele constitui um movimento cujo compromisso deve ser essencialmente com o povo (polo dominado). Como povo que deveria ser ele está colocado entre os oprimidos, como instituição está ligado ao governo, representante das classes dominantes.

3. Para uma eficácia real em seu trabalho, o MEB necessitará:

a) a elaboração de objetivos que informem o processo;

b) possibilitar a formação de quadros autênticos para a missão revolucionária que desempenharão os educados, dentro de seguros padrões técnicos e científicos;

c) abertura para diálogo com outros movimentos ou pessoas que possuam pensamentos diferentes.

4. Complementação do trabalho do MEB por outras entidades e na medida do possível o próprio MEB no sentido de uma ação junto às classes dominantes.

5. Para um dos grupos o MEB não é um movimento revolucionário como o entendemos, entre outras razões, pelas seguintes:

a) os elementos que o compõem são em grande parte pequenos burgueses, o que tem determinado atitudes de: falsa prudência em determinadas ocasiões, modo em outras, compromissos pessoais com a burguesia, um risco de ter levado as pirações burguesas ao povo, etc; caminhar para que elementos de todas as classes participem do MEB;

b) compromissos comerciais das emissoras, em discordância com a nossa mensagem;

c) atitude de dependência ainda exagerada certos elementos em relação ao clero, faltando uma maioria dos leigos;

- d) desconhecimento mais profundo por parte de toda a realidade do mundo atual e do Brasil inserido nesse contexto;
- e) ausência de diálogo com outras instituições;
- f) uma maioria quase total dos elementos do sexo feminino, carecendo de uma contribuição por vezes mais vigorosa da perspectiva masculina.

ASSEMBLÉIA DO TEMA REALIDADE BRASILEIRA

A - Entre as muitas perguntas levantadas, destacamos algumas que foram respondidas e outras que permaneceram para posterior análise:

→ a) No relacionamento do MEB com outros movimentos (por exemplo no campo da cultura popular) tem havido o diálogo? Há que se elaborar uma tática nas relações com outros grupos?

→ b) Foi dito que o MEB para atingir seus objetivos deveria ter um compromisso com o polo dominado. Teriam suas equipes a disponibilidade e a maturidade necessária para isso? Seus participantes já souberam romper com a mentalidade burguesa? Não há, então, o perigo de serem levadas aspirações burguesas para o meio rural?;

→ c) A distinção em polo dominante e polo dominado implicaria na aceitação da luta de classes? Não há que se tentar um trabalho do esclarecimento também com o polo dominante, na medida das possibilidades? É possível conseguir um aperfeiçoamento técnico sem ele?;

d) O MEB não estaria necessitando de uma ampliação para elementos masculinos? Seriam sua estrutura ou linha atual que não os estaria interessando?

e) Como se colocaria a mensagem transmitida pelo MEB e a programação de linha completamente oposta das amissoras, onde ele atua? O rádio ligado ao polo dominante leva desejos artificiais, necessidades pela vendagem comercial, etc., e nós es-

tariamos frustrando mais aos compositores mostrando-lhes seu grau de miséria?;

f) A ligação do MEB com o episcopado e o governo não em perrará seu trabalho?;

g) Seria possível apressar o processo de mudanças? Uma revolução violenta não será um fracasso total? Não é preciso po litizar o povo antes? Ter cuidado para não massificar?;

h) Fala-se em independência. Quem financiará a subsis-
tência do movimento? Como viver sem o governo?;

i) É possível pregar a Reforma Agrária sem ter defini-
do os objetivos, sem a explicitação do conceito de propriedade?

B - Colocações finais sobre os relatórios e algumas das perguntas

1. O mundo de hoje clama por algo profundamente total e nós sa-
bemos que só o cristianismo o possui. Mas a nossa passivida-
de e omissão esvaziaram o conteúdo da verdade. Paradoxalmen-
te, num mundo que caminha para uma humanização crescente, o
poder do homem pode voltar-se contra si mesmo. Os valores cris-
tãos universais são repetidos, mas não são vividos.

Há, contudo, valores da consciência histórica atual que
são a aspiração de toda a humanidade, apesar de maculados:

- a técnica e o progresso, símbolos da criação do homem, váli-
dos para todos os povos, foram transformados em meios de es
cravização do próprio homem;
- a paz buscada na guerra-fria, no equilíbrio do terror em
que vivemos; devemos denunciar e pressionar tudo o que ve-
nha contra a paz;
- a esperança: a humanidade perdeu a esperança e suas manifes-
tações pululam nas frustrações, na descrença, na música, em
formas existencialistas, etc. Os cristãos de hoje também
perderam a esperança abrangente dos primeiros cristãos e

caem numa angústia que nega sua mensagem. Apesar das contradições é preciso salvar o esforço de cada homem na construção do mundo.

Temos de caminhar para um mundo de convivência, da comunicação, onde todo homem de boa vontade tem sua contribuição a dar. O Brasil necessita perder o orgulho de "país do futuro" o humildemente crescer com os pequenos do continente, não caindo só na defesa do café.

SUGESTÕES

- ter conhecimento da política externa desenvolvida pelo Itamarati;
 - Ter conhecimento de documentos básicos que regem a atuação do Brasil no campo internacional;
 - bibliografia sobre o assunto para cada equipe;
 - fazer um esforço individual para este estudo, procurando a melhor maneira de as equipes e seus planejamentos atenderem a isto.
2. Com relação a América Latina, é de se destacar as diferenças históricas de libertação, as culturais, situação geográfica, etc., entre o Brasil e os demais países. E mesmo recordar certas pretensões imperialistas de nosso país em relação a outros.

Salientamos a importância de se analisar o problema de Cuba com objetividade e lucidez como o primeiro país a se opor decisivamente aos interesses dos Estados-Unidos e ter como consequência os resultados que conhecemos. Alerta-se no sentido de que qualquer mudança, aqui, contraria àqueles interesses, será motivo de bloqueios e "cuidados" especiais dos blocos.

Para isso faz-se mister uma integração crescente de toda América Latina para que se sinta unida na luta pelo seu desenvolvimento.

3. Com relação à realidade brasileira foi complementado o seguinte:

3.1. A fim de se evitar a influência marcante dos traços culturais dos que educam o povo é imperioso conduzir a educação no seu sentido autêntico, levar o educando a encontrar seu caminho, a tomar consciência de si.

- Para que haja uma maior integração das perspectivas no MEB seria interessante um equilíbrio entre os quadros masculinos e femininos.

- O primeiro passo na consecussão dos objetivos que o movimento se propõe deve partir de uma transformação radical em cada um de nós, na superação de tudo que é poder, luxo, orgulho, etc. Muita gente que entra no MEB já está marcada mas há muita disponibilidade a ser aproveitada.

3.2. O povo é muito sensível aos compromissos de grandes áreas da Igreja com a situação atual, principalmente na identificação com os ricos. O sinal de contradição hoje é a compreensão do verdadeiro significado da Igreja - comunidade dos pobres. Não podemos compactuar com a injustiça.

3.3. O ideal é que a turma do MEB vá adquirindo sua maioria e como meta final o próprio episcopado entregue no devido tempo aos leigos a plena responsabilidade do movimento, confiante em que poderemos assumí-lo. Com o governo manter a necessária autonomia e liberdade de ação.

3.4. Com respeito ao relacionamento com outros movimentos, salientaríamos:

- relações entre pessoas: para a comunicação com o outro é preciso entender a pessoa como ela é e aceitá-la assim; não podemos negar de fazê-lo por tensões pessoais e o movimento perder com isto.

- relações com outros grupos: para que o diálogo seja em plano igual é imprescindível que cada grupo esteja firme nas suas convicções e possa afirmá-lo sem concessões em princípios, caso contrário, algum servirá de inocente útil; este diálogo no nosso mundo plural é coisa pacífica, devendo-se acautelar-se quando se tratar de colaboração ou participação, tendo-se em conta o bom da obra a ser construída.

3.5. Na medida que se politiza o homem do campo ele irá exigindo a satisfação das suas necessidades e pressionando as mudanças. Não nos cabe prever as consequências de uma oposição das classes dominantes. A reação será a medida da agressividade. Revolução violenta hoje é suicídio.

3.6. Há necessidade de um grupo amplo e aberto que congregue todas as forças na transformação, preparando os quadros necessários. Procurar conhecer as experiências do grupo Ação Popular.